

Rufar a morte, pulsar a vida: Homenagem a Eva Azevedo

Drumming death, pulsing life: Tribute to Eva Azevedo

 Aguilár, Marta

 <https://orcid.org/0009-0002-2588-0449>

Rede Internacional de Investigadores CoMoVi, Coletivo Motricidade Vital, Portugal

marta.aguilár.comovi@gmail.com

Resumo

Este artigo é um tributo à bailarina, coreógrafa e investigadora Eva Leitão Azevedo e tenta aproximar o leitor da morte e da vida, da vida vivida e sentida, lembrando o ser humano na natureza em articulação com a cultura Vodum, tema central da pesquisa da homenageada. Através da narração e da poética da palavra, o texto propõe diversas aproximações e complementaridades entre os ciclos vitais do mundo natural e os do mundo humano. Além disso, explora uma importante tríade da motricidade vital: a experiência, a narração e a interpretação, que, no seu desenvolvimento, vai tecendo uma visão de mundo, mas também se desdobra em novas possibilidades – potencialmente mais equilibradas para a manutenção da vida e da biodiversidade.

Palavras-chave

Motricidade Vital, Ciclos da Natureza, Narração

Abstract

This article is a tribute to the dancer, choreographer, and researcher Eva Leitão Azevedo, aiming to bring the reader closer to death and life, life lived and life felt, remembering the human being in nature, in unison with the Vodun culture, which was a central focus of her research. Through narration and the poetics of the written word, the text proposes various approaches and complementarities between the life cycles of the natural and human worlds. It also explores an important triad of vital motricity: experience, narration, and interpretation, which, in its unfolding, weaves a worldview that opens up new possibilities – potentially more balanced for the preservation of life and biodiversity.

Keywords

Vital Motricity, Cycles of Nature, Narration

Nota Introdutória

Após um encontro inesperado com a morte, entrei em bloqueio, incapaz de prosseguir com os projetos académicos, de ler, nem tão pouco escrever algumas linhas durante meses. Foi na vivência da despedida e homenagem à bailarina, coreógrafa e investigadora Eva Leitão Azevedo, organizada pela sua família e amigos, que (re) nasci e superei a minha própria crise.

Este artigo¹ é um tributo à Eva, na vontade de continuar a espalhar as sementes que ela plantou. Embora “semente” seja uma metáfora usual, será utilizada ao longo do texto como anáfora, enaltecendo a vida e o audacioso trabalho de pesquisa desta bailarina e coreógrafa.

Ao longo do artigo, o recurso a subtítulos vem sublinhar a relação de complementaridade entre os ciclos da natureza e o tempo das ocorrências e dos ciclos da vida humana. Fomenta a tese de lembrar o ser humano na natureza, da qual faz parte, e cuja resistência se mantém através das manifestações dos povos originários de diversas etnias, muito vivas no Vodum beninense, que Eva pesquisava.

Homenageando-a, o artigo equilibra propositadamente o peso dado à Eva, sem a posicionar como figura única ou central, por forma a sublinhar a intenção de escrevê-la como ecossistema, isto é, sem primazias, onde todos e tudo são interdependentes e interligados.

O texto foi estruturado com a intenção de aproximar o leitor da vida em si, de uma vida com sentido, carregada de complexidades e emoções, com a força da sensorialidade pela proposição poética do olhar quotidiano, vendo e sentindo, tocando e tocando-se pelo mundo na sua organicidade. Aqui, há uma convocação à etimologia da palavra *organicidade*: o órgão, também enquanto instrumento musical e instrumento sacro, que acompanha o texto numa marcha fúnebre; e a idade, enquanto passagem do tempo e processo de maturação.

‘Onde a chuva não toca nada retorna à vida, tal como acontece com as lágrimas’ (Garcia, 2024, p. 4).

Convite para a morte

Faço ao leitor um convite para a morte, de mão dada com a premissa: e se deixássemos de matar o nosso planeta e aprendêssemos a morrer? Faço este convite, lembrando que também eu sou uma mera aprendiz.

Proponho a leitura do texto que apresento abaixo, posicionando-me também como leitora, isto é, algo visto e lido a partir de mim, como quem folheia de fora uma literatura considerada “menor”. Como um livro policial?! Peguemos no *Convite para a morte*, de Agatha Christie.

Sugiro um policial, quase como uma alegoria da democracia. Pelo que se sabe, essa literatura dita “menor” nunca chegou a ser alvo de censura em Portugal (Sampaio, 2008), ao contrário de outras minorias.

Voltando ao livro da Agatha Christie... Já o leram? Pessoas de diferentes origens e classes sociais começam por receber um misterioso convite para uma viagem – uma viagem até à morte. Acompanham-me?

E se imaginássemos que esses convidados fossem representativos da diversidade dos humanos no nosso planeta? Creio que todos conseguimos adivinhar de antemão quem seria o maior criminoso no final. Ali, acontece que todos têm algo do passado a esconder ou escondido. Mas esse não é o assunto que trago! Apontar o dedo pouco adianta neste mundo já tão polarizado!

O ponto é: todos de algum modo contactaram com o crime. Surgem e urgem as questões: o que fazer quanto a isso? Como tirar partido disso?

Também todos contactaram com a morte de antemão, tal como todos nós, nem que seja por ser o fim já conhecido desde o princípio. Ora, não será a vida intrincada quanto a subtileza dos detalhes de um policial? Experimentemos juntos alguns desses detalhes por via

1 A família autorizou a escrita deste texto e a sua divulgação.

da narração. Uma narração entendida como partilha de vivências, mas aquela capaz de propiciar uma ação transformadora.

L'intérieur de votre tête n'est pas cette masse grise et blanche qu'on vous a dite, c'est un paysage de sources et de rameaux, une maison de feu, mieux encore, la ville miraculeuse que vous aimerez inventer. (P. Nougé, s.d., como citado por Arbrealettres, 2019, par. 1)²

Apodrecer

O “meu querido” poeta William Wordsworth [n. 1770 - m. 1850], “romântico incurável”³ como eu, já problematizava a relação do ser humano com a natureza, mantendo acesa uma pequena chama em nós para a percepção da sua sacralidade – algo que, nos tempos que correm, já pouco encontramos. Essa presença ainda persiste em comunidades de povos originários e tribais, mas vai sendo subvertida em discursos que se tornaram obsoletos, apenas para vender, ou melhor, para produzir mais e sempre mais. Continuamos a distanciar-nos da natureza, a apartarmos-nos cada vez mais, como se dela já não fizessemos parte.

Não preciso de alavancar aqui a muitas referências bibliográficas. Todos encontramos o problema, não ao virar da esquina, mas aqui mesmo, dentro de casa e dentro de nós.

Íris Garcia (2021), outrora minha professora e cujo nome⁴ lhe assenta tão bem, observa que fazemos parte de uma vasta teia de relações, onde nada existe só para nós, existe também para nós, coexistindo connosco. Entretanto, a natureza passou a tornar-se uma “realidade simulada” (Armstrong, 2023, p. 12).

Escravizamos Gaia, como se tudo do mundo vivo e da vida estivesse aqui apenas para nos servir. Acontece

que quanto mais a chibatamos⁵, mais apertamos os nossos ferrolhos. E, em solo estéril, que sementes podemos plantar?

Saqueamos a natureza e, como quem leiloa um órgão do próprio corpo no açougue capitalista, ameaçamos a nossa própria sobrevivência, a da nossa espécie e a de todas as outras espécies, das quais também dependemos para sobreviver. Fomos os últimos seres vivos a chegar ao planeta, e todos os restantes nos aportam ensinamentos sobre como viver aqui (Garcia, 2023).

Comportamo-nos, então, como meninos mimados, profundamente patetas e egoístas. Faltar-nos-á amadurecer? Creio que, para isso, em primeiro lugar, temos de aprender a morrer.

Morrer

Estávamos a terminar o ano de 2023. O solstício de inverno marca o aniversário da minha mãe. Entre as fúrias alheias das compras natalícias, enquanto procurava um livro para ela, dei-me um presente, a mim mesma: *Uma valsa com a morte*⁶. Passava já mais de uma década desde que tinha falecido a minha avó materna. Tal como o autor, também tenho Dadá's⁷ na família. Mas não são minhas avós – são primas – e não são deste lado da família.

Dancei uma valsa com a minha mãe quando a minha avó morreu. Comprei este livro, creio eu, pelas valsas que a minha avó dançou connosco, comigo e com a minha mãe, muito mais do que com outros.

Estava longe de adivinhar que a valsa viria a dançar novamente comigo, desta vez, deixando-me também sem este par. Por mais que alguns indícios pudessem fazer sentir ou adivinhar, senti que a morte chegou abrupta, arrastando-a consigo logo pelo começo do novo ano, tapando-lhe a boca para que nem pudesse suspirar⁸.

Cantem⁹ comigo:

2 Galeria de arte(s) no Porto (Portugal). “O interior da vossa cabeça não é esta massa cinzenta e branca que vos disseram, é uma paisagem de fontes e ramos, uma casa de fogo, melhor ainda, a cidade milagrosa que ireis gostar de inventar.” (Nougé, s.d., como citado na Galeria de Arte(s) Montra Sismógrafo, 2019)

3 Expressão idiomática portuguesa usada para se referir a alguém que acredita que o amor é o objetivo último.

4 Íris é também o nome de uma parte do olho.

5 Referência ao passado colonial.

6 Referência à obra do escritor João Tordo.

7 Dadá era o nome pelo qual era conhecida a avó de João Tordo.

8 Expressão idiomática que significa desabafar a dor.

9 Ouvir 0: (Ana Lua Caetano (2023, 00:53)

Compassada valsa secou como pele de cobra
Dores cobrem o chão como coisas violentas
Risos que ainda ecoam com a água evaporam
(Caiano, 2023, par. 3)

Sintam o peso da métrica e a neblina que se formou dentro de mim.

Não consegui ler nem escrever durante longos meses. Tão pouco soube viver para além do sobreviver, apesar do inverno fora do comum, fartura de dias solarengos, um inferno. Sol a fermentar-me, a fazer-me amadurecer. Foi para mim um tempo bem azedo. Foi tempo de luto. E este luto tem sido a minha maior luta.

O tempo ameniza? Não.

Com o tempo custa menos? Não.

O tempo cura? Menos ainda.

Aldrabo a cura ou a amargura na arte. Volto e volto-me sempre para ela. Transformar a dor em vez de permanecer na dor. É algures por aí que “O fado nasceu um dia, quando o vento mal bulia e o céu o mar prolongava” (Régio, s.d., par. 1)¹⁰.

Enfio a cabeça no trabalho, alma a vaguear num corpo inteiro na dança, forma minha de cantar este e o meu fado. Chorar para dentro. Gritos calados, goela apertada.

Florescer

Chega a primavera. A minha mãe está em toda a parte, nos cantos da casa, nas flores do jardim. É preciso regá-las! Chorar torrencialmente. Jorrar a dor, verter as mortalhas.

Cada autor carrega um cadáver, que por certo procria, mas adiado e, no entretanto, sempre autobiográfico. Mesmo a falar do cosmos, o escritor procura-se no texto. Ele busca-se! “Nudus e inermis”. Nu e desarmado, atira-se ao espelho (aquele que devia reflectir antes de reflectir, como alguém disse) e auto-revela-se – claro que, bem seleccionado na pose e retocado nos itens - e confia-se e confia-nos. (Silva, 2024, p. 3)

Já não voam borboletas dentro de mim, tenho as tripas ao dependuro. Adubo a terra e, com ela, os sentimentos.

Como nos diz Han (2020): “deveríamos manter sempre a consciência de que existimos num planeta pequeno, mas em flor, no meio de um universo noutros lugares sem vida, e de que somos um ser planetário” (p. 27).

Brotar

Chega o verão e o sol começa a espreitar de mansinho. Julho invade-nos abrasador e, com ele, o encontro tão esperado com os colegas da Rede Internacional de Investigadores CoMoVi, Coletivo Motricidade Vital, em Vigo!

Logo nas primeiras reflexões, decidimos que somos mais do que um coletivo de investigadores, somos uma comunidade aberta ao mundo da vida. Ouvir, Ouver o grupo confirma-me a importância do Amor.

O Amor de acolhimento, de cheiro a café e de pó de café.

O Amor de laço, sem atrito de nó.

O Amor que reúne, o Amor que descobre o sabor do uno no todo, em todos nós.

10 Referência ao poema Fado Português de José Régio

Imagine agora o leitor uma série de parágrafos em branco, muito maior do que a que aqui apresento. Não porque não haja nada a dizer sobre o encontro, mas sim porque há tanto e tão profundo que, com palavras, ainda não consigo fazê-lo. Não encontro - ou não há - palavras para descrever o encontro do CoMoVi. Creio que nenhuma imagem o fará também. Posso dançá-lo! Vejo aqui o espaço branco, não como o bloqueio que venho expondo, mas como um espaço novo, ainda indizível.

Na Galiza, o tempo queima, mas quem arde mesmo é o nosso *esperançar*¹¹. Derrubo águas e águas, coração meu sempre a suar. Regresso a casa com muita sede de (voltar a) viver.

Banho-me no rio e observo águas a cair. O que se segue? Fluir!

Desço pela estrada das oliveiras até chegar à Tua¹². Como elas, carrego frutos e histórias. Deixo parte desta história na barca¹³ a navegar! E agarro-me a outra: Sabiam que a UNESCO instituiu o dia da Oliveira, como semente da paz entre os povos?

Já nesta direção, pé ante pé, retomo o hábito das leituras.

Germinar

Chega o outono. Chega a época de terminar as colheitas. É o tempo da foice, que encerra em si morte e vida. A ceifa, que mata para colher alimento, mas que também preserva a vida e a nova semente.

Chega o outono, sim. Chega o fim das folhas cadu-

11 Referência ao conceito *esperançar* de Paulo Freire (1992), que nos remete para uma forma de esperança ativa, que não se limita a uma expectativa passiva, mas se constrói no processo de luta e transformação.

12 Referência ao local onde foram enterradas as cinzas da minha mãe.

13 Referência ao mito da Senhora que leva os mortos na barca.

cas, sim. Cheira já ao fim por toda a parte e fazem-se incêndios¹⁴ para queimar mais ainda da vida que resta. E o que vive, então? E o que preserva?

O que se observa é um rosto no limiar da morte que procura a definitiva música uma còdea da natureza que se exponha ao suplício perdido das lágrimas. Este rosto aguarda uma lâmina que desabrigue o olhar à tempestade onde pasmee para respirar ou morrer um pouco mais. (Velhote, 2020, s.p.)

Colonizações atrás de colonizações, os primeiros cristãos europeus, assim como os povos do Médio Oriente, da Índia e da China, ainda sentiam - e sentirão? - o mundo natural, o mundo da vida, como sagrado. Como uma força onnipresente que permeia tudo, como uma entidade una: o universo (Armstrong, 2023).

Há algo subtil que perdura em nós, como uma erva daninha resiliente, uma sensação de paz e de lar sempre que passeamos num bosque, dormimos à sombra fresca de uma árvore, sobre a pedra quente à beira-rio ou nos banhamos no mar. Sempre que nos humanizamos.

Nutrir

Aproxima-se a data de celebrar 40 anos. Partilho o dia com São Miguel, chefe dos céus, dizem. Decido ir a Cabeceiras de Basto¹⁵ para celebrar. A procissão é gigante. No decorrer de tantas e tantas imagens de Nossas Senhoras – centenas! –, recordo-me da Íris. Ela estuda profundamente o paganismo protocelta ibérico e tem especial interesse pelo culto das senhoras dos caminhos do povo Celta, um povo pacífico. Meus ancestrais. E, como é habitual na Íris (Garcia, 2023) há sempre mais uma história a contar:

Perduraram as divindades primordiais (...). Como perduraram as ervas daninhas que são riquíssimas em minerais, tanto para o solo, com propriedades nutricionais e medicinais, como para os animais e pessoas. E por

14 Referência aos incêndios em Portugal, por mão criminosa, no mês de setembro de 2024.

15 Local de grande culto a S. Miguel em Portugal.

Figura 01

Tua



Nota: Oliveira onde as cinzas da minha mãe foram enterradas, 2023, by Marta Aguilar. CC BY-NC-ND

mais que sejam cortadas retornam. O culto das senhoras é um culto de ervas daninhas. (...) Parece uma superstição, uma coisa antiga, pouco importante. E é exatamente essa a sua estratégia para ter sobrevivido a tantos processos tão brutais de colonização. (23:48-24:48)

Com a Íris aprendi a dominar a técnica do movimento oriental, mas sobretudo a sacralizar o corpo! Aprendi tanto a ritualizar o movimento como a profanar a dança, escutando o corpo pela via selvagem, enraizando os pés na terra como a árvore, como a Tua¹⁶.

A forma das raízes (que na dança representamos a partir dos pés até à bacia) lembra-nos as ligações sinápticas do cérebro. O tronco, da árvore e do ser humano, até à formação de ramos e galhos, revela os possíveis

e diferentes caminhos que vamos tomando ou assumindo, as oscilações, os avanços e recuos ao longo do nosso percurso. As flores, os frutos e a folhagem, ou a falta dela, refletem os nossos estados de ânimo, mais ou menos voláteis. A casca que reveste o tronco, simboliza as diversas e concomitantes “armaduras e armas” que vamos consolidando ao longo da vida. Já a seiva representa todo o fluxo das nossas intra e interações.

Pergunto-me: pode o corpo ser um *oráculo*?¹⁷

A dança oriental clássica veicula uma (re)conexão à ancestralidade, sendo esta absolutamente heterogênea. Enquanto arte milenar, passou por transformações e foi sendo apropriada e ressignificada por diferentes civilizações, tempos, povos, culturas, ritos e rituais. Tem como princípio a celebração da vida, com respeito aos ciclos

16 Referência ao local onde foram enterradas as cinzas da minha mãe.

17 Referência ao trabalho *Oráculo* das artistas Sara Anjo e Teresa Silva (Anjo & Silva, s.d.), que nos convida a escutar o corpo como um espaço de premonição, intuição e criação.

de vida (e morte), promovendo uma profunda sacralização e espiritualização das forças da natureza, reconhecidas como a expressão maior da alma, a verdadeira casa do ser.

A mulher era vista como o corpo primordial, por ter a capacidade de gerar vida e de nutrir o próprio feto e, posteriormente, o bebé, à semelhança da terra que alimenta uma semente até que esta se transforme em árvore. Nos diferentes processos de desenvolvimento, tal como nas estações do ano, a morte e a putrefação são essenciais nos processos de fermentação e decomposição que alimentam e fertilizam o solo, preparando-o para vir, de novo, a germinar, a gerar e a garantir a continuidade da vida.

Semear

Já escrevi muito sobre a Íris, mas há que nomear também a Diana. Como os nomes das minhas professoras lhes assentam bem¹⁸! A Diana foi a minha principal professora no estilo *Gipsy* das danças orientais, danças telúricas de povos que nos ensinam que a terra é de todos e não é de ninguém. E a Diana também mistura e cruza saberes. Também mistura e cruza pessoas. Ela vem das ciências, da música e das danças tradicionais europeias, sendo uma impulsionadora da dança inclusiva. Ai, o seu trabalho maravilhoso com o Rui Reinho¹⁹ - também ele salseiro como eu! Trabalha ainda na organização de festivais de músicas e danças tradicionais, verdadeiras micro-comunidades de preservação e perpetuação.

Mas hoje venho sobretudo contar um pouco sobre a irmã da Diana, a Eva, e a sua visão da dança africana.

Se eu conhecia a Eva? Conhecia e não conhecia. Era mesmo isso: conheci-a, era conhecida. A Eva era conhecida pelo sorriso raio de sol, olhos da cor do céu, energia das ondas do mar²⁰. De resto, fomo-nos cruzando em espaços e momentos mais ou menos distantes entre si, em

lugares felizes.

Pelo virar do século, a Eva começou a estudar danças africanas. À procura de mais conhecimento, foi beber à fonte, vivenciado experiências culturais e dançantes em países como Guiné-Conacri, Guiné-Bissau, Senegal, Burkina Faso e, mais tarde, também Benim.

Consciente do seu lugar de fala enquanto não africana, para a transmissão e difusão destas danças, fundou em 2005 o projeto *Semente* com uma visão intercultural, partindo da sua própria perspetiva e adaptando os movimentos para o contexto dos corpos com os quais trabalhava. Nasceu assim também uma escola de música e dança africana, a *Sementinha*.

O método que foi desenvolvendo – o método *Farisogo Sira* – traduzido como o “*caminho do corpo na dança africana*”, está intimamente ligado aos elementos da natureza, reconhecendo-os e ativando-os no corpo, através da música e da dança. E assim foi, juntamente com o seu companheiro e músico Paulo das Cavernas²¹, solidificando o seu nome no selo da nossa praça, na sua visão da dança africana da costa oeste.

A Eva foi-se tornando investigadora e, na escrita da sua tese de doutoramento, procurava conexões entre Portugal, Brasil e Benim, um projeto de enorme dimensão²².

O Benim é berço do Vodum, uma cultura em estreita articulação entre a vida e a morte, entre o chamado mundo dos visíveis e o mundo dos invisíveis, um mundo mais do que humano. O sistema de adivinhação *Fa* significa Amor, no sentido mais primário e originário do termo “notament biblique où *Dieu est Amour*” (Kakpo, 2006, p. 33).

Muito mais do que uma prática ritual e religiosa, o Vodum é toda a forma de viver e de interagir com o mundo da vida (e da morte) deste povo. Como nos diz um beninense: “Vaudou brings together the different structures of society. When they have problems, they turn to vaudou to solve them” (Naar, 2023, 11:18-11:30).

18 Referência a Diana, deusa da vida selvagem na mitologia romana.

19 O Rui tem paralisia cerebral, dança (salsa e muito mais) e fala sem voz, mas com o corpo (Magalhães, 2013).

20 Referência à performance Olokum (2017), trabalho relacionado a uma divindade de grande importância nas religiões afro-atlânticas do panteão iorubá associada ao mar, aos mistérios das profundezas e à abundância.

21 Nome artístico do músico, compositor e professor de percussão africana e ngoni.

22 Referência a Ali Klan Projeto Dimensão (2023), projeto artístico - é uma emocionante jornada de investigação e criação entre os bailarinos, coreógrafos e pesquisadores Eva Azevedo (Portugal) e Guillaume Niedjo (Benim).

Emergindo na cultura Vodum Kocou, Eva escrevia que, numa criação artística, o bailarino Guillaume Niedjo resgatou do seu corpo arquivo comportamentos e gestualidades da sua cultura ancestral e da comunidade, a par de outras técnicas corporais provenientes de outras linguagens da dança, aprendidas e incorporadas, tornando as suas recriações em potenciais reflexões, “criando novas conexões entre o ser e o mundo, a arte e a cultura, instaurando outros movimentos nos processos criativos que lhe são próprios” (Azevedo, 2021, p. 120).

Ainda este ano (Azevedo, 2024), num artigo sobre o estado de transe enquanto processo criativo, Eva publicou que os corpos dançantes adeptos de Vodum no Benim recriam e reinterpretam movimentos simbólicos e significativos, baseando-se nas descrições recebidas de quem os observa.

Não será isto também uma forma de narração?

Germinar

A morte decidiu sair à rua²³ antes do Dia de Finados, e a Eva partiu antes de outubro terminar.

Dia 1, Dia de Todos os Santos. Às 15h30, cheguei pontualmente com uma amiga. Um percussionista que eu conhecera noutra andanças cumprimentou-nos e perguntou se procurávamos o Desnor-tearte²⁴. Desnor-teadas que estávamos, acenámos afirmativamente, mas levei uns 30 minutos a reconhecê-lo e apenas um para chegar ao ponto de encontro.

Pouco tempo depois, vejo o fotógrafo Hugo Lima com grandes telas de fotos lindíssimas da Eva a dançar, que começa a dispor em cavaletes pelo jardim. O estômago começa a apertar-se, e eu, que nem sou de beber cerveja, resolvo ir buscar uma para mim. Chegam mais amigos da Eva, e bouquets de flores começam a somar-se junto à fotografia mais próxima do portão.

Chegam mais, e mais, e ainda mais amigos, e tantos deles são músicos. Começam os tambores a rufar.

23 Referência à música A Morte Saiu à Rua de Zeca Afonso, com alteração do contexto original, mas mantendo a ideia de evocação de uma morte personificada. Referência à música A Morte Saiu à Rua de Zeca Afonso, com alteração do contexto original, mas preservando a ideia de evocação de uma morte personificada.

24 Associação Cultural em Vila Nova de Gaia.

A meteorologia prevê chuva, as nuvens ameaçam-na, mas seguram-se – como eu. Sou apenas uma conhecida, não fui ali para chorar, apenas para homenagear.

Juntam-se mais tambores, juntam-se mais mãos, e juntam-se mais instrumentos. O céu aperta o sol, mas o tempo continua seco. Os corpos presentes sentem a vida a pulsar e a carne seca a querer bambolear. Rolam algumas lágrimas dos amigos, enquanto os dedos querem também tamborilar.

Timidamente, começo também eu a pisar a relva. Mantenho-me discreta, sapatos ainda nos pés.

Figura 02

Eva Azevedo



Nota: Fotografia de Eva Azevedo, 2011, por Hugo Lima²⁵. CC BY-NC-ND

25 O autor autorizou a utilização da imagem.

Começa a primeira pessoa a dançar. Não sei o nome da rapariga, mas tenho ideia de a ter visto sempre a dançar com a Eva nos seus espetáculos. Algo como o Cavernas: lembro-me dele e da Eva juntos, desde sempre – ele a tocar, ela a dançar. Agora, ali, ele e os amigos a tocarem, e ela, na imagem fixa, a dançar. Fixo a imagem, e começa a ser difícil não lacrimejar.

Acocorada, a rapariga acaricia a relva. O meu coração pulsa enquanto as mãos dela oscilam sobre a relva. Juntam-se outras tantas numa reverência furiosa à imagem da Eva. Desabo. É a morte mais viva que alguma vez vi(vi).

A dança prossegue, e as cenas em bando vão-se repetindo. Voltam-se para a imagem em monte, mas apenas nos curtos segundos em que se agacham coreograficamente, venerando o chão, frente à foto a expurgar. Parece que a força da dança daquelas mulheres me torce o coração, como uma toalha encharcada de lágrimas. Como é belo! Este dançar é comunhão, é a conjugação do verbo amar. “Desfeito em lágrimas, o eu renuncia à sua superioridade e toma consciência do seu próprio enraizamento na natureza. Regressa chorando à terra” (Han, 2020, p. 26). “O olhar tece o véu aureolar que envolve as coisas com o seu fulgor. (...) Ao serem contempladas interiormente, as coisas devolvem o olhar” (Han, 2023, p. 54).

Cabelos a voar como gafanhotos²⁶ saltitantes. Revisitar o viver deste momento faz-me obnubilar os olhos até os levantar. Escalando nuvem por nuvem, tomo consciência das linhas mais acima: voltei a escrever!

O salto é um tempo que bailarina.

Cada passo de dança, é uma conquista naquele plano paradoxal que existe na vida, quando se trata de criação.

A dança invadiu-me desde sempre. Toma conta de mim e fiz dela o meu caminho. É uma infinita fonte de inspiração.

Quando me aprofundei na dança afro, já lá vão duas

décadas, foi esta mulher que salta aqui ao meu lado que me abriu os olhos, colocou a semente e seguiu sorridente abrindo caminhos.

E eu fui, indo com ela e no meu próprio caminho. (...)

As danças de matriz africana falam de chão, de conexão com a terra, de enraizamento de corpo. Para movimentos rápidos na cadência do tambor, ouvir e chão. Mover e chão. Intenção, força de centro e chão. Pisei bem devagarinho nesse chão que me dá força até hoje, pois quis aprender. Quis aprender a dançar e a entender de onde vêm essas forças que conectam dança com música, tambores com coração. É sobre emoção.

Campos de criação.

Para qualquer salto, o que conta é a força do impulso. A leveza vem depois.

O chão virá depois, novamente.

Pergunto-me, pois sei bem da importância do dançar, onde estão os corpos que dançam?

Onde estão os corpos que se animam com os tambores?

Onde estão os corpos que tocam com reverência no chão-solo-terra?

E, já agora, porque não vão os corpos quando morrem para debaixo do chão, em contacto com a terra?

Penso no interior da terra.

Penso nisso quando salto.

O salto é um tempo que bailarina.

E aqueles saltos para o desconhecido, também.

Sejamos corpos dançantes. Sejamos corpos dançantes.

(Gonçalves, 2024, par. 1)²⁷

Charlier (2020), falando do Vodum e das práticas corporais dançantes do Benim, as mesmas que Eva estudava e difundia, lembra-nos que, para este povo, a morte nunca é uma morte. E como um nativo nos diz: “the dead aren’t really dead as long as they are not forgotten” (Naar, 2023, 41:00-41:36).

26 Diversas mitologias associam o gafanhoto à necessidade de dar grandes saltos de vida, isto é, realizar transformações profundas.

27 Escrito para a Eva Azevedo.

Florir (notas conclusivas, discussão ou diálogo?)

Que sementes cultivar para que possamos florescer?

Caminhos a percorrer, mais do que pontos de chegada (conclusões), para lembrar o ser humano na natureza.

O outono, vivendo-o e sentindo-o, é uma estação convidativa à reflexão sobre o posicionamento do ser humano na natureza, como parte dela, compreendendo como, em vida, pode ser generoso e nutritivo e como, em morte, se tornará também chão fértil. O outono ajuda-nos a fazer da perda um lugar fecundo.

Onde uns vêm (ou nem olham!) seres e fenômenos separados, outros – povos nativos, povos originários e povos tribais – sentem um *continuum* de tempo e espaço, onde pedras, plantas, animais e humanos são todos permeados por uma força imanente, que os atrai para um todo entrelaçado e sintetizado. Já vamos atrasados em dialogar com estes povos, bebendo da sua sabedoria, aprendendo como nos reintegrarmos novamente no mundo da vida.

Mas como integrar narrativas nutritivas?

A memória enquanto prática narrativa que se recria a todo o momento, para o entrelaçamento semântico (Santos, 2024), criando assim novas redes de sentido (CoMoVi, 2022).

E como criar redes sem nos fecharmos numa cerca?

Tecendo novas percepções do mundo, novas relações e, assim, procurando valores éticos comunitários e uma vida corporal significativa, com práticas equilibradas com e para a biodiversidade.

Mas como integrar alternativas como estas no nosso dia a dia para superar a crise?

Deixar de parte as ideologias de cada um. Deixar de parte, não esquecidas. E incorporar na nossa vida visões e práticas que não só nos irão ajudar a responder aos desafios atuais, mas que nos transformarão em NÓS, comunidade, vida.

Deixar por um pouco as discussões teológicas de bom e mau, assim como os rituais e doutrinas religiosas de cada um. Deixar para cada um, no seu contexto e cultura. Respeitar. Não silenciar. Poder dialogar com diferentes cosmovisões.

E porque não olhar para seres invisíveis? Porque não olhar, por exemplo, para seres invisíveis como os seres vivos para os quais não olhamos? Aqueles que não somos capazes de ver – como é o caso das bactérias –, e aqueles pelos quais fomos deixando de olhar, ou seja, todos os restantes do mundo da vida?! É preciso olhar. É preciso olhar e voltar a ver.

A intenção e a forma deste artigo, ao não ser propositalmente hegemônica, nem centrada na Eva, e ao estar coerente com o mundo da Vida e a cultura Vodum, são exemplo na prática dos conceitos que a Eva articulava nas suas pesquisas, aos quais pretendia dar voz na sua práxis criadora e com os quais pretendia dialogar: modos outros de ver, viver, fazer, criar e dançar!

Trazer outras pessoas ao texto aponta, ainda, para a intrincada rede de relações que estabelecemos uns com os outros. Neste caso: contemporâneos que se cruzam, onde tanto os mais próximos, por vínculo afetivo e familiar, como os desconhecidos estão no mesmo plano. Vivos e mortos também lado a lado.

Fermentar

Esta reflexão aponta a narração enquanto metodologia.

Sugere a narração em prosa poética como potência, ampliando sentidos e significados.

A narração enquanto ação intencional.

A narração como caminho para abrir janelas, para olhar para outros modos de ser comunidade e como oportunidade de aprender a morrer, isto é, co-criar coletivamente bons viveres compatíveis com a vida, uma práxis de bem comum. Passar do vestígio à pegada. Olhar-sentir-dançar, vivenciando práticas corporais dançantes enquanto potência para a vida. Escutá-las e narrá-las. E voltar a narrá-las pelas linguagens do corpo. Dançá-las.

E quem sabe, “talvez descubramos que o amor sempre aqui esteve, à mão de semear” (Tordo, 2023, p. 165).

Conflitos de interesses

A autora declara não haver qualquer conflito de interesses.

Referências

- Anjo, S., & Silva, T. (s.d.). *Oráculo*. <https://embodiedoracle.com>
- Ali Klan Projeto Dimensão. (2023). *Sobre - PROJETO DIMENSÃO*. <https://www.projtodimensao.com>
- Arbrealettres. (2019, maio 24). *L'intérieur de votre tête – Paul Nougé*. Arbrealettres. <https://arbrealettres.wordpress.com/2019/05/24/linterieur-de-votre-tete-paul-nouge/>
- Armstrong, K. (2023). *Natureza sagrada: Recuperar o nosso vínculo com o mundo natural* (Paulo Borges, Trad.). Temas e Debates.
- Azevedo, E. (2024). O estado de transe de um corpo adepto de Vodum no Benim, como inspiração num processo criativo. *Revista Estud(i)os de Dança*, 1(2), 1-16. <https://doi.org/10.53072/RED202302/00205>
- Azevedo, E. L. (2021). Affôte - Processo criativo de um bailarino beninense numa cerimónia e numa criação artística do vodum. In A. Midori, A. M. Pereira, J. Nascimento, M. L. Gomes, & M. I. Barreira (Eds.), *Desassossegos: Ata expandida do 8.º EPRAE* (pp. 113-121). i2ADS Edições. https://i2ads.up.pt/wp-content/uploads/2022/10/DESASSOSSEGOS_Atta-Expandida-do-8oEPRAE_web.pdf
- Caiano, A. L. (2023, novembro 24). *Deixem o morto morrer (Official Video)* [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=rz6qttD1z-8>
- Charlier, P. (2020, 16 de dezembro). *Rencontre avec Philippe Charlier: Vaudou* [Video]. YouTube. Griffenoiretv Gérard Collard. <https://www.youtube.com/watch?v=lbu9espbpyk>
- Coletivo Motricidade Vital (CoMoVi), Trigo, E., Gil, H., Genú, M., Couto, J. P., & Santos, S. (2022). Motricidade humana e a perspectiva sócio-histórica para a Motricidade Vital. *International Studies on Law and Education*, 40, 1-10. <http://www.hottopos.com/isle40/1Coletivo.pdf>
- Freire, P. (1992). *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Paz e Terra.
- Han, B.-C. (2020). *Louvor da terra – Uma viagem ao jardim* (M. S. Pereira, Trad.). Relógio de Água.
- Han, B.-C. (2024). *A crise da narração* (G. L. Encarnação, Trad.). Relógio de Água.
- Garcia, Í. L. (2021, julho 14). *O curandeiro cego: O inominável e o elogio à morte e à fragilidade* [Video]. Canal Vimeo. <https://vimeo.com/574874207>
- Garcia, Í. L. (2023, fevereiro 20). *Eco-Mythology Gatering Portugal: The ladies of the paths* [Video]. Canal Vimeo. <https://vimeo.com/800600091>
- Garcia, Í. L. (2024). *Fermentação e doçura: Passagens no caminho do outono*. Biblioteca Livre.
- Gonçalves, G. (2024, novembro 12). "Espectáculo "Viver o momento", Cia artística SEMENTE" [Fotografia]. Instagram. <https://www.instagram.com/p/DCR8bU7srZf/>
- Magalhães, P. (2013, novembro 15). *Praça da Alegria: Rui Reinho* [Video]. YouTube. <https://m.youtube.com/watch?v=Tm0uwQPaIMU>
- Naar, J. (2023). The sentinels of the spirituality in Benin [Documentary]. Today in Africa, Ep. 2. Bo Travail ! and Voyage. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=HMRtfGiQzWo&t=2s>
- Kakpo, M. (2006). *Introduction à une poétique du Fa: Essai*. Éditions de Diasporas et du Flamboyant.
- Régio, J. (s.d.). *Poema e Poesia: Fado Português in Poemas de Deus e do Diabo*, Portal da Literatura. <https://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=1146>
- Sampaio, M. L. M. (2008). As vantagens de ser literatura menor e estrangeira: O género policial em Portugal como género não policiado. *Colóquio de Outono Braga: Censura e interdito*, Centro de Estudos Humanísticos, 103-120.
- Santos, S. O. (2024). Entrelaçamento semântico e eficiência algorítmica: Distinções e possibilidades criadoras entre processamentos telemáticos e experiências encarnadas na produção de conhecimento. *International Studies on Law and Education*, 49, 1-15. <http://www.hottopos.com/isle49/Sergio.pdf>
- Silva, J. P. (2024, setembro 27). *Lançamento do livro "Sobre a beleza" de Amadeu Baptista* [manuscrito não publicado, cortesia do autor] Espaço Mira, Porto.
- Tordo, J. (2023). *Uma valsa com a morte ou o pouco que sei sobre música, literatura, melancolia, espiritualidade e a minha avó*. Companhia das Letras.
- Velhote, J. (2020). *A ausência é um lugar incerto, poema 58* [manuscrito não publicado, cortesia do autor]